

tais
tes

PARTE QUARTA

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

CAPITULO I

PENAS E GOZOS TERRESTRES

1. Felicidade e desgraça relativas. — 2. Perda das pessoas amadas. — 3. Decepções. Ingratidão. Afieções quebradas. — 4. Uniões antipáticas. — 5. Apprehensão da morte. — 6. Desgosto da vida. Suicídio.

Felicidade e desgraça relativas

920. Pôde o homem gozar de felicidade completa na terra?

« Não, pois que a vida lhe foi dada como prova ou expiação; mas depende delle minorar-lhe os males e ser tão feliz quanto é possível em taes circunstâncias. »

921. Concebe-se que o homem será feliz na terra quando a humanidade se tiver transformado; mas enquanto se não fizer essa transformação, pôde cada qual assegurar-se uma felicidade relativa?

« O homem é quasi sempre o auctor da propria desgraça. Praticando a lei de Deus evitara muitos males, e obterá uma felicidade tão grande quanto o comporta a sua existencia grosseira. »

O homem que está bem compenetrado do seu destino futuro só vê na vida corporal uma estação temporaria; é para elle paragem momentanea em mau albergue. Consola-se acilmente com alguns incommodos passageiros de uma viagem que c deve conduzir a posição tanto melhor, quanto melhores forem os preparativos que para ella tiver feito.

Já somos punidos desde esta vida pela infracção das leis da existencia corporal com os males que são a consequencia dessa infracção e dos nossos proprios excessos. Remontando gradativamente á origem do que chamamos as nossas desgraças terrestres, veremos que a maior parte dellas são a consequencia de um primeiro desvio do caminho recto. Por esse desvio entrámos no mau caminho, e, de consequencia em consequencia, cahimos na desgraça.

922. A felicidade terrestre é relativa á posição de cada um; o que basta para a felicidade de um, constitue a desgraça de outro. Ha, entretanto, alguma medida de felicidade commun a todos os homens?

«Para a vida material, é a posse do necessario; para a vida moral, a boa consciencia e a fé no futuro.»

923. O que seria superfluo para um, não é o necessario para outros, e vice-versa, segundo as posições?

«Sim, segundo as vossas ideias materiaes, os prejuizos, a ambição e todos os caprichos ridiculos, aos quaes o futuro fará justiça quando comprehenderdes a verdade. Sem duvida aquelle que tinha cincuenta mil libras de renda e se acha reduzido a dez julga-se muito infeliz, porque não poderá fazer tão grande figura como até então, sustentar o que elle chama a sua posição, ter lacaios e cavallos, satisfazer a todas as paixões, etc. Crê que lhe falta o necessario; mas, francamente, julgaes esse homem digno de lastima quando ao lado delle ha tantos que morrem de fome e frio, sem abrigo onde possam reclinar a cabeça? O sabio, para ser feliz, olha para baixo e nunca para cima, a não ser para elevar a alma ao infinito.» (715).

924. Ha males independentes do modo de proce-

der e dos quaes não está isento o homem mais justo; não haverá algum meio de os evitar?

«Nesse caso, o homem deve resignar-se e soffrer-os sem murmurar, si quizer progredir; mas elle tira sempre uma consolação da propria consciencia, que lhe dá a esperança de melhor futuro, si fizer o necessario para o obter.»

925. Porque favorece Deus com dons da fortuna certos homens que parecem não tel-a merecido?

«É um favor aos olhos daquelle que só vêem o presente; mas, comprehendei-o bem, a fortuna é muitas vezes provação mais perigosa do que a miseria.» (814 e seguintes).

926. A civilização, creando novas necessidades, não é origem de novas afflicções?

«Os males deste mundo estão na razão das necessidades *ficticias* que creaes. Quem sabe limitar os seus desejos e vê sem inveja quem lhe é superior, poupa-se muitas decepções nesta vida. O mais rico é aquelle que tem menos necessidades.

«Invejaes os gozos dos que vos parecem os felizes do mundo: mas sabeis acaso o que lhes está reservado? Si elles só tratam do gozo pessoal são egoistas, e o reverso ha de vir. Lamentae-os antes. Deus permite algumas vezes que o mau prospere, mas a sua felicidade não é para invejar, pois terá de a pagar com lagrimas amargas. Si o justo é infeliz, é porque tem de passar por essa prova, que lhe será levada em conta si a supportar com resignação. Lembrae-vos das palavras de Jesus: Felizes os que soffrem, porque serão consolados.»

927. Por certo que o superfluo não é indispensavel á felicidade, mas não se pôde dizer outro tanto de necessario: ora, a desgraça dos que estão privados do necessario não é real?

«O homem não é verdadeiramente infeliz se não quando lhe falta o necessario á vida e á saude do

corpo. Essa privação pôde dar-se por culpa delle, e nesse caso só deve queixar-se de si mesmo; si se dá por culpa de outrem, a responsabilidade recae sobre quem a causou.»

928. Pela especialidade das aptidões naturaes, Deus indica evidentemente a nossa vocação neste mundo. Muitos males não provêm de não seguirmos essa vocação?

«E' verdade, e são muitas vezes os paes que, por orgulho ou avareza, afastam seus filhos do caminho traçado pela natureza, compromettendo-lhes a felicidade com essa deslocação; serão elles os responsaveis por isso.»

— Assim, acharieis bem entendido que o filho de um homem altamente collocado na sociedade fizesse tamancos, por exemplo, si tivesse aptidão para esse officio?

«Não se deve cahir no absurdo, nem exagerar coisa alguma; a civilização tem suas necessidades. Porque razão o filho de um homem altamente collocado, como dizeis, ha de fazer tamancos, quando pôde ocupar-se de outra coisa? Esse homem poderá sempre tornar-se util na medida das suas faculdades, desde que elles não sejam applicadas em sentido inverso. Assim, por exemplo, em vez de mau advogado, poderia talvez ser muito bom mecanico, etc.»

A deslocação dos homens para fóra da sua esphera intelectual é, seguramente, uma das causas mais frequentes das decepções. A inaptidão para a carreira que se abraça é fonte inexgotável de revezes; depois vem juntar-se a isto o amor proprio, que impede o homem decahido de procurar o recurso de uma profissão mais humilde, e que lhe mostra o suicidio como remedio supremo para escapar ao que julga uma humilhação. Si uma educação moral o tivesse elevado acima dos ridiculos preconceitos do orgulho, nunca se acharia sem recursos.

929. Ha pessoas que, vendo-se privadas de todos os recursos, mesmo que a abundancia reine em torno dellas, só têm a morte por perspectiva; que partido lhes cumpre tomar? Devem deixar-se morrer de fome?

«Nunca se deve ter a ideia de deixar-se morrer de fome; todos encontrariam sempre meios de se alimentarem si o orgulho se não interpuzesse entre a necessidade e o trabalho. Diz-se muitas vezes: Não ha officio que não seja digno; não é a ocupação que deshonra; dizem-no, porém, para os outros e não para si.»

930. E' evidente que sem os preconceitos sociaes, pelos quaes nos deixamos dominar, achariamos sempre um trabalho qualquer que nos proporcionasse meios de viver, ainda que tivéssemos de descer de posição; mas, entre as pessoas que não têm preconceitos, ou que os sabem pôr de parte, algumas ha que estão na impossibilidade de ocorrer ás suas necessidades, em consequencia de molestias ou outras causas independentes da sua vontade?

«Em uma sociedade organizada conforme a lei do Christo ninguem deve morrer de fome.»

Com uma organização social sábia e previdente, não pôde faltar o necessário ao homem a não ser por culpa propria. As faltas que sofre são muitas vezes resultado do mcio em que se acha collocado. Quando o homem praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade, e elle proprio será tambem melhor. (793).

931. Porque, na sociedade, as classes soffredoras são mais numerosas do que as felizes?

«Nenhuma dellas é perfeitamente feliz, e o que julgaes ser a felicidade, muitas vezes occulta pungentes desgostos; o sofrimento está em toda a parte. Entretanto, para responder ao vosso pensamento, direi que as classes a que chamaes soffredoras são mais numerosas por ser a terra um lugar de expiação. Quando

o homem tiver feito della a estancia do bem e dos bons espiritos, deixara de ser infeliz nessa morada, que será então para elle o paraizo terrestre.»

932. Porque razão, na sociedade, a influencia dos maus vence tantas vezes a dos bons?

« Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, e os bons são timidos; quando estes quiserem, formarão a parte mais forte.»

933. Si o homem é, em muitos casos, o autor dos seus sofrimentos materiaes, tambem o é dos sofrimentos moraes?

« Ainda mais, pois os sofrimentos materiaes são algumas vezes independentes da vontade; mas o orgulho offendido, a ambição frustrada, a anciadade da avarice, a inveja, o ciúme, todas as paixões, em uma palavra, são torturas da alma.

« A inveja e o ciúme! Felizes aquelles que não conhecem esses dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme não pôde haver calma, não ha repouso possível para o homem; os objectos da sua cobiça, do seu odio e do seu despeito erguem-se diante delle como fantasmagorias que não lhe dão tregua e o perseguem até durante o sonno. O invejoso e o ciumento estão em continuo estado febril. Será essa uma situação desejável, e não comprehendeis que o homem, com as suas paixões, cria para si mesmo supplicios voluntarios, tornando-se-lhe um verdadeiro inferno? »

Muitas expressões pintam energicamente os efeitos de certas paixões; diz-se: estar inchado de orgulho, morrer de in-tade de beber e de comer, etc.; estas figuras exprimem bem a realidade. Algumas vezes o ciúme não tem mesmo objecto determinado. Ha pessoas por natureza ciosas de tudo quanto se eleva, de tudo o que sae da linha vulgar, ainda quando não tenham nisso interesse directo, mas unicamente por não poderem atingir-o; tudo o que lhes aparece acima do seu horizonte as ofusca, e si estivessem em maioria na sociedade quereriam sujeitar tudo ao seu nível. E' o ciúme junto à mediocridade.

O homem não é infeliz, muitas vezes, sinão pela importancia que liga ás coisas deste mundo; é a vaidade, a ambição e a cobiça fundidas que fazem a sua infelicidade. Mas si elle se collocasse acima do circulo estreito da vida material, si elevasse os pensamentos para o infinito, que é o seu destino, as vicissitudes da humanidade parecer-lhe-iam tão mesquinhos e pueris como os desgostos da creança que se afflige com a perda de um brinquedo no qual fizesse consistir a sua suprema ventura.

Aquelle que só vê a felicidade na satisfação do orgulho e dos appetites grosseiros, é infeliz quando não pode satisfazel-os, ao passo que o que nada pede ao superfluo é feliz com aquillo que outros consideram calamidades.

Referimo-nos ao homem civilizado, porque o selvagem, tendo necessidades mais limitadas, não guarda os mesmos motivos de cobiça e angustia; o seu modo de ver as coisas é inteiramente diverso. No estado de civilização, o homem reflecte sobre a sua infelicidade e analysa-a; por isso ella o afecta mais; mas pode tambem raciocinar e analysar os meios de consolar-se. Esta consolação brota para elle do sentimento christão, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e do Espiritismo, que lhe traz a certeza desse futuro.

Perda das pessoas amigas

934. A perda das pessoas que nos são caras não é d'aquellas que nos causam um desgosto bem legitimo, visto que essa perda é irreparável e independente da nossa vontade?

« Essa causa de desgosto atinge tanto o rico como o pobre: é uma prova ou expiação, e é lei commun: mas tendes consolação em poder comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que já conhecéis, enquanto não vos forem dados outros mais directos e accessíveis aos vossos sentidos.»

935. Que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-tumulo uma profanação?

« Não pôde haver profanação quando ha recolhimento, e quando a evocação é feita com respeito e fim util; a prova é que os espiritos affeiçoados accorrem com prazer; são felizes por vos lembrardes delles e

por terem occasião de conversar comvosco; haveria profanação, si a evocação fosse feita levianamente.

A possibilidade de entrar em communication com os espíritos é gratíssima consolação, pois nos fornece o meio de conversarmos com os parentes e amigos que deixaram a terra antes de nós. Pela evocação fazem os aproxímarem-se de nós, estão ao nosso lado, ouvirem-nos e responderem-nos, deixando de haver, por assim dizer, separação entre elles e nós. Ajudam-nos com os seus conselhos, testemunham-nos o seu afecto e o contentamento que lhes causa a nossa lembrança. E' para nós uma satisfação o saber que são felizes, conhecer por elles mesmos os detalhes da sua nova existencia, e adquirir a certeza de um dia nos unirmos a elles.

936. Como é que as dores inconsoláveis dos brevientes affectam os espíritos que delas são alvo?

«O espírito é sensível ás recordações e saudades daquelles a quem amou, mas uma dor incessante e desarrazoada affecta-o penosamente por vêr nessa dor excessiva uma falta de fé no futuro, e de confiança em Deus: por consequencia, um obstáculo ao adiantamento e talvez á reunião.»

Sendo o espírito mais feliz no espaço do que era na terra, lamentar que elle deixasse esta vida é lamentar a sua felicidade. Dois amigos prisioneiros acham-se encerrados na mesma masmorra; ambos devem um dia recuperar a liberdade, mas um obtém-na primeiro. Seria caridoso que aquelle que continua preso se desgostasse por ter sido o seu amigo solto antes de elle? Não haveria naquelle mais egoísmo que amizade em querer que este continuasse a compartir do seu captiveiro e sofrimentos? Dá-se identico caso entre dois seres que se amam na terra; aquelle que primeiro parte é o primeiro que é libertado; devemos felicitar-o e esperar com paciencia que a nossa hora sóe também.

Faremos ainda sobre este assumpto outra comparação: Tendes um amigo que, junto de vós, está em situação muito penosa; a sua saúde e interesses exigem que se retire para outro paiz, onde estará melhor em todos os sentidos. Deixará por algum tempo de estar junto de vós, mas estará sempre em correspondencia comvosco; a vossa separação será apenas mate-

rial. Não querereis essa ausencia sendo ella um beneficio para o vosso amigo?

A doutrina espirita, pelas provas patentes que dá da vida futura, da presença junto a nós daquelles que amamos, da continuidade do seu afecto e solicitude; pelas relações que nos permitte manter com elles, oferece-nos suprema consolação numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo cessa a solidão e o abandono; o homem mais isolado tem sempre amigos ao redor de si, com os quaes pôde conversar.

Supportamos com impaciencia as tribulações da vida por nos parecerem intoleraveis ao ponto de julgarmos não poder supportalas; e no entanto, si as sofrermos com coragem, si soubermos impôr silencio aos nossos queixumes, havemos de felicitar-nos por isso quando estivermos livres da prisão terrestre, como o enfermo que sofre se felicita, quando curado, por se ter sujeitado a um tratamento doloroso.

Decepções. Ingratidão. Aféições quebradas

937. As decepções por que passamos em consequencia da ingratidão e fragilidade dos laços de amizade, não são também para o homem de coração uma causa de amargura?

Sim; mas nós vos ensinamos a lamentar os ingratos e os amigos infieis: elles serão mais infelizes do que vós. A ingratidão é filha do egoísmo, e o egoista encontra mais tarde corações insensíveis como foi o seu. Pensae em todos aquelles que fizeram mais bem do que vós, que mereceram mais do que vós, e receberam a ingratidão em paga. Lembrae-vos de que o proprio Jesus foi escarnecido e desprezado durante a vida, tratado como louco e impostor, e não vos admirareis que vos façam o mesmo. Seja o bem que fizedes a vossa recompensa neste mundo, e não vos importeis com o que dizem aquelles que receberam o beneficio. A ingratidão é uma prova para a vossa persistencia em fazer o bem; ella vos será levada em conta, e aquelles que lh' o não corresponderam serão punidos tanto mais quanto maior houver sido a sua ingratidão.»

938. As decepções causadas pela ingratidão não são o bastante para endurecer o coração e tornal-o insensível?

« Seria um erro, pois o homem de coração, como dizeis, é sempre feliz pelo bem que faz. Elle sabe que, si aquelles a quem o fez não se lembrarem disso nesta vida, lembrar-se-hão em outra, e que o ingrato se cobrirá de vergonha e remorsos.»

— Esse pensamento não impede que o coração fique maguado; ora, isto não pôde suscitar-lhe a ideia de que seria mais feliz si fosse menos sensível?

« Sim, si preferir a felicidade do egoista; triste felicidade! Basta saber que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos da sua amizade, e que estava enganado a respeito delles; desde então não deve ter pena de os perder. Mais tarde achará outros que o comprehendam melhor. Lamentae aquelles que tiverem para comvoso mau procedimento, que não mereçaes, pois elles terão bem triste recompensa; mas não vos affiliaes por essas coisas: é esse o meio de vos collocardes acima delles.»

A natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado. Um dos maiores gozos que lhe podem ser concedidos na terra é encontrar corações que sympathisem com o seu, pois que elle lhe dá assim as primícias da felicidade reservada no mundo dos espíritos perfeitos, onde tudo é amor e affabilidade; é um gozo recusado ao egoista.

Unões antipathicas

939.. Pois que os espíritos sympathicos são levados a unir-se, como é que, entre os incarnados, o affecto só existe muitas vezes de um dos lados, e o amor o mais sincero é acolhido com indifferença e mesmo com repulsa? Como é ainda, que a mais viva affeição entre dois seres pôde transformar-se em antipathia e algumas vezes em odio?

« Não comprehendais então que seja uma punição,

posto que passageira? E depois quantos ha que, levados pelas apparencias, acreditam amar perdidamente, e, quando são obrigados a conviver com as pessoas, não tardam em reconhecer que o seu sentimento não passava de um desejo material! Não basta estar enamorado de uma pessoa que agrada e em quem se julga encontrar boas qualidades; é vivendo realmente com ella, que podereis aprecial-a. Quantas dessas uniões tambem ha em que, a principio, tudo parece indicar que nunca serão sympathicas, e que se transformam quando os seres ligados se conhecem melhor e se estudaram bem, acabando por se amarem com amor eterno e duradouro, baseado na estima! E' preciso não esquecer que é o espirito quem ama e não o corpo, e que, quando a illusão material se dissipá, o espirito vê a realidade.

« Ha duas especies de affeção: a do corpo e a da alma, e toma-se muitas vezes uma pela outra. A affeção da alma, quando pura e sympathica, é duradoura; a do corpo é perecível; eis porque muitas vezes aquelles que julgavam amar-se com amor eterno se odeiam quando a illusão finda.»

940. A falta de sympathia entre os seres destinados a viver juntos não é igualmente uma fonte de desgostos, mas amargos ainda por envenenarem toda uma existencia?

« Muito amargos, com efeito; mas é uma dessas desgraças de que, o mais das vezes, sois vós a principal causa; em primeiro logar são as vossas leis que erram, pois acreditaes que Deus vos constranja a permanecer na companhia daquelles que vos desagradam. E depois, muitas vezes procuraes nessas uniões mais a satisfação do orgulho e da ambição do que a ventura de um affecto mutuo; soffreis então a consequencia dos vossos prejuizos.»

— Mas nesse caso não ha quasi sempre uma vítima inocente?

« Sim, e isso é para ella uma dura expiação; mas a responsabilidade da sua desgraça recahirá sobre aquelles que lhe tiverem dado causa. Si a luz da verdade lhe houver penetrado a alma, encontrará consolação na sua fé sobre o futuro: de resto, á medida que os preconceitos forem perdendo a influencia, as causas dessas desgraças privadas irão tambem desapparecendo. »

Apprehensão da morte

941. A apprehensão da morte é para muitos causa de perplexidade; de que provém essa apprehensão, uma vez que têm diante de si o futuro?

« E' erroneamente que tem essa apprehensão; mas que queréis? Procura-se persuadil-os, na infancia, de que ha um inferno e um paraizo, mas que é mais certo irem para o inferno, visto dizer-se-lhes que o que está na natureza é um peccado mórtal para a alma; vem depois a idade da razão, e, si essas pessoas têm um pouco de discernimento, não podem admittir taes ensinos, e tornam-se então ateus ou materialistas; é assim que são induzidos a crér que para além da vida presente nada mais existe. Para os que persistem nas suas crenças da infancia, a razão está no temor desse fogo eterno que os ha de queimar sem destruir.

« A morte não inspira ao justo temor algum, porque, sentindo a fé, tem a certeza do futuro; a esperança promette-lhe uma vida melhor, e a caridade, cuja lei praticou, dá-lhe a certeza de que, no mundo onde vai entrar, não encontrará ser algum de quem receie o olhar. » (730).

O homem carnal, mais apegado á vida corporal do que á espiritual, tem, na terra, penas e gozos materiaes; a sua felicidade consiste na satisfação fugitiva de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e affectada pelas vicis-

situdes da vida, está em anciedade e tortura perpetuas. A morte apavora-o, porque duvida do seu futuro e deixa na terra todos os afectos e esperanças.

O homem moral, aquelle que se elevou acima das necessidades ficticias creadas pelas paixões, tem já neste mundo gozos desconhecidos ao homem material. A moderado dos seus desejos dá-lhe ao espírito a calma e a serenidade. Feliz pelo bem que faz, não ha para elle decepções, e as contrariedades resvalam por sua alma sem lhe deixarem impressões dolorosas.

942. Certas pessoas não acharão esses conselhos para se ser feliz na terra um pouco banaes, e não verão nelles o que chamam vulgaridades, verdades se dirias? Não dirão que, em definitiva, o segredo para ser feliz está em saber suportar a desgraça?

« Muitos o dirão, mas acontece-lhes como a certos enfermos a quem o medico prescreve a dieta: quereriam ficar curados sem tomar remedios e continuando a expôr-se ás intemperies. »

Desgosto da vida. Suicidio

943. De que provém o desgosto da vida que se apodera de certos individuos, sem motivos plausiveis?

« Efeito da ociosidade, da falta de fé, e, muitas vezes, da saciedade.

« Para aquelle que exerce as facultades com fim util e segundo as aptidões naturaes, o trabalho nada tem de arido e a vida escoa-se mais rapidamente; suporta-lhe as vicissitudes com paciencia e resignação, porque procede visando uma felicidade mais sólida e duradoura que o espera. »

944. O homem tem direito de dispôr da propria vida?

« Não. Só Deus tem esse direito. O suicidio voluntario é uma transgressão dessa lei. »

— O suicidio não é sempre voluntario?

« O louco que se mata não sabe o que faz. »

945. Que pensar dos suicidas cujo crime tem por causa o desgosto da vida?

«Insensatos! Porque não trabalham elles? A existencia não se lhes tornaria uma carga pesada.»

946. Que devemos pensar do suicida que pretende escapar ás misérias e decepções deste mundo?

«Pobres espíritos que não têm coragem para suportar as misérias da existencia! Deus ajuda aquelles que soffrem e não os que não têm força nem animo. As tribulações da vida são provas ou expiações; felizes daquelles que as suportam sem se queixarem, pois serão recompensados! Ao contrario, desgraçados daquelles que esperam a salvação daquillo que, em sua impiedade, chamam o acaso ou a fortuna! O acaso ou a fortuna, para me servir da sua linguagem, podem com efeito favorecer os por algum tempo, mas para lhes fazer sentir mais tarde e mais cruelmente o desvalor dessas palavras.»

— Aquelles que concitam o infeliz a esse acto de desespero terão de soffrer-lhe as consequencias?

«Oh! Desgraçados delles! *Responderão como por assassinato.*»

947. O homem a braços com a necessidade e que se deixa morrer de desespero, pôde ser considerado suicida?

«E' um suicida, mas aquelles que lhe foram a causa disso ou que podiam tel-a impedido, são mais culpados do que elle, e a indulgência o espera. Comtudo, não penseis que elle seja inteiramente absolvido quando o fizesse por falta de firmeza e perseverança, e não empregasse toda a sua intelligencia para sahir da dificuldade. Sobretudo, desgraçado delle quando o desespero lhe nasce do orgulho; quero dizer, si elle é desses homens em quem o orgulho paralysa os recursos da intelligencia, desses que córariam de dever a sua existencia ao trabalho das proprias mãos, e preferem morrer de fome a renunciarem ao que chamam

a sua posição social! Não haverá cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em arrostar a critica de um mundo futil e egoista que só tem boa vontade para aquelles que de nada precisam, e que vos volta as costas desde que delle tendes necessidade? Sacrificar a vida á consideração de tal mundo, é acto bem estulto, porque elle o não tem em conta alguma.»

948. O suicidio para escapar á vergonha de uma má acção é tão reprehensivel como o causado pelo desespero?

«O suicidio não elimina a falta; ao contrario, ficam sendo duas faltas em lugar de uma. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe soffrer as consequencias. Deus julga, e, conforme a causa, pôde em certos casos attenuar o rigor da punição.»

949. O suicidio é desculpável quando tem por fim impedir que a vergonha venha a recahir sobre os filhos ou sobre a familia?

«Quem assim procede não faz bem, mas pensa que o faz, e Deus leva-lh'o em conta, pois é uma expiação que o individuo impõe a si mesmo. Elle attenua-lhe a falta pela intenção; mas o homem não deixa de cometer uma falta. Demais, aboli da vossa sociedade os abusos e preconceitos, e não tereis mais desses suicídios.»

Aquelle que se priva da vida para escapar á vergonha de uma acção má, prova que dá mais apreço á estima dos homens do que á de Deus, pois vai entrar na vida espiritual carregado de iniquidades, tendo-se privado dos meios de reparar-as durante a vida. Deus é menos inexorável do que os homens; perdoa ao arrependido sincero e leva-lhe em conta a reparação; o suicida não repara coisa alguma.

950. Que pensar daquelle que se mata com a perança de chegar mais depressa a uma vida mel-

«Outra loucura! Faça elle o bem, e mais certeza terá de lá chegar; matando-se, só conseguirá retardar a entrada num mundo melhor, e elle mesmo pedirá para vir *completar a vida* que cortou por uma falsa ideia. Uma falta, qualquer que ella seja, não abre nunca o santuario dos eleitos.»

951. O sacrificio da vida não será algumas vezes meritorio, quando a pessoa tenha por fim salvar a vida de outrem ou ser util aos seus semelhantes?

«Isso é sublime, conforme a intenção, e quando esse sacrificio não é um suicidio; mas Deus oppõe-se a todo sacrificio inutil e não pôde vel-o com prazer, maxime quando empanado pelo orgulho. Um sacrificio não é meritorio simão pelo desinteresse, e aquelle que o faz tem algumas vezes segunda intenção que diminue o valor aos olhos de Deus.»

Todo sacrificio feito á custa da felicidade propria, é um acto soberanamente meritorio aos olhos de Deus, porque é a practica da lei da caridade. Ora, sendo a vida o bem terrestre a que o homem dá mais apreço, aquelle que renuncia a ella pelo bem dos seus semelhantes, não commette um attentado; realiza um sacrificio. Mas antes de o fazer, o homem deve reflectir si a sua vida não pode ser mais util do que a morte.

952. O homem que morre victimo do abuso de paixões que sabe deverem apressar-lhe o fim, mas ás quaes não tem já o poder de resistir porque o habito as tornou para elle verdadeiras necessidades physicas, commette um suicidio?

«E' um suicidio moral. Não comprehendeis que o homem seja duplamente criminoso em tal caso? Além da falta de coragem e da animalidade, ha nesse o esquecimento de Deus.»

— E' mais ou menos culpado do que aquelle que se priva da vida por desespero?

«E' mais, porque tem occasião de reflectir sobre o suicidio; naquelle que o faz instantaneamente, ha,

ás vezes, uma especie de desvario que toca as raias da loucura; a punição do outro será muito maior, pois as penas são sempre proporcionadas á consciencia das faltas commettidas.»

953. Quando qualquer pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrivel, é culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos por morte voluntaria?

«Sempre se é culpado quando se não espera o termo fixado por Deus. Demais, quem pôde ter a certeza de, apezar das apparencias, ser chegada a sua hora de partir, e de no ultimo instante lhe não vir um socorro inesperado?

— Concede-se que, nas circumstancias ordinarias, o suicidio seja reprehensivel; mas nós supposmos o caso em que a morte é inevitável, e em que a vida só é abreviada de alguns instantes...

«E' sempre uma falta de resignação e submissão á vontade do Creador.»

— Quaes são, em tal caso, as consequencias desse acto?

«Uma expiação proporcionada á gravidade da falta e, como sempre, segundo as circumstancias.»

954. Qualquer imprudencia que comprometta a vida sem necessidade é reprehensivel?

«Não ha culpabilidade onde não ha intenção ou consciencia positiva de praticar o mal.»

955. As mulheres que, em certos paizes, se queimam voluntariamente sobre o corpo dos maridos, podem ser consideradas suicidas e soffrem como tales as consequencias desse acto?

«Obedecem a um prejuizo e, muitas vezes, accedem mais á força do que á propria vontade. Julgam cumprir um dever, e não é esse o caracter do suicidio. A sua culpa está na nullidade moral e na ignorancia da maioria dellas. Esses usos barbaros e estupidos desapparecem com a civilização.»

956. Aquelles que, não sabendo supportar a perda de pessoas amadas, se matam com a esperança de se lhe juntarem, conseguem o seu fim?

« O resultado é-lhes inteiramente diferente daquelle que esperam, e, em vez de se reunirem ao objecto de sua affeção, afastam-se delle por muito mais tempo, pois Deus não pôde recompensar um acto de cobardia nem o insulto que lhe faz quem duvida da sua providencia. Pagarão esse instante de loucura com desgostos maiores do que aquelles que julgam abreviar e não terão em compensação desses desgostos a satisfação que esperavam. (934 e seguintes).

957. Quaes são, em geral, as consequencias do suicidio no mundo espiritual?

« As consequencias do suicidio são muito diversas; não ha para elle penas fixas, e, em todos os casos, são sempre relativas ás causas que o provocaram; ha porém uma consequencia a que o suicida não pôde escapar: é o *desapontamento*. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstancias; alguns expiam a falta imediatamente, outros em uma nova existencia, que será peior do que aquella cujo curso interrompem. »

Effectivamente, a observação mostra que as consequencias do suicidio nem sempre são as mesmas; mas algumas ha comuns a todos os casos de morte violenta, em consequencia da interrupção brusca da vida. Em primeiro lugar, ha persistencia mais prolongada e tenaz do laço que liga o espirito ao corpo, por este laço estar quasi sempre em todo o seu vigor no momento de o quebrarem, ao passo que, na morte natural, elle se enfraquece gradualmente, e muitas vezes desata-se mesmo antes da completa extinção da vida. As consequencias deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação do espirito e a illusão que, durante tempo mais ou menos longo, faz o espirito crer-se ainda no numero dos vivos. (155 e 165).

A afinidade que subsiste entre o espirito e o corpo produz em alguns suicidas uma especie de repercussão do estado corporal sobre o espirito, o qual resente assim, mau grado seu, os effeitos da decomposição e experimenta uma sensação cheia

de angustias e horrores, estado este que pôde durar tanto tempo quanto devia durar a vida por elles interrompida. Este effeito não é geral, mas em caso algum o suicida se livra das consequencias da falta de coragem, e, cedo ou tarde, expia a sua culpa de um modo ou de outro. E' assim que certos espiritos, que haviam sido muito infelizes na terra, disseram haver-se suicidado em sua precedente existencia, e terem-se sujeitado voluntariamente a novas provas, para tentarem supportal-as com mais resignação. Em alguns, é uma especie de ligação à materia de que em vão procuram desembaraçar-se para se elevarem a mundos melhores, mas cujo acesso lhes é interdicto; na maioria, é o pezar de terem feito uma coisa inutil, pois della só lhe vieram decepções.

A religião, a moral, todas as philosophias condennam o suicidio como contrario á lei da natureza; todos nos dizem em principio que ninguem tem o direito de abreviar voluntariamente a vida; mas porque razão ninguem tem esse direito? Porque não ha-de o homem ser livre de pôr termo aos seus sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo daqueles que succumbiram, que isso não é só uma falta, mas tambem infracção de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos individuos, mas além disso um acto estupido, pois com elle nada se ganha, antes se perde; não nol-o ensina a theoria: são os factos expostos á nossa vista.